

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

LIVRO II – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
CAPÍTULO VIII – Emancipação da alma

Índice

Assunto	Origem	Página
I – O Sono e os Sonhos	O Livro dos Espíritos	03
O Livro dos Espíritos	O Consolador	07
II – Visitas Espíritas entre os Vivos	O Livro dos Espíritos	08
Sono e sonhos	O Consolador	09
Aparições dos Espíritos de pessoas vivas	O Consolador	10
III – Transmissão Oculta do Pensamento	O Livro dos Espíritos	11
Telepatias e pressentimentos	O Consolador	12
IV – Letargia, Catalepsia, Morte Aparente	O Livro dos Espíritos	14
Letargia, catalepsia e mortes aparentes	O Consolador	15
V – O Sonambulismo	O Livro dos Espíritos	17
Sonambulismo não é desdobramento	O Consolador	20
VI – Êxtase	O Livro dos Espíritos	23
A mediunidade de madre Teresa de Ávila	O Consolador	24
VII – Dupla Vista	O Livro dos Espíritos	26
Obras Póstumas	O Consolador	28
VIII – Resumo Teórico do Sonambulismo, do Êxtase, E da Dupla Vista	O Livro dos Espíritos	30
Sonambulismo, êxtase e dupla vista	O Consolador	33

Livro segundo – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos

Capítulo VIII – Emancipação da alma

I – O SONO E OS SONHOS

400. O Espírito encarnado permanece de bom grado no seu envoltório corporal?

“É como se perguntasses se ao encarcerado agrada o cárcere. O Espírito encarnado aspira constantemente à sua libertação e tanto mais deseja ver-se livre do seu invólucro, quanto mais grosseiro é este.”

401. Durante o sono, a alma repousa como o corpo?

“Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.”

402. Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono?

“Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, acredita-o, tem o Espírito mais faculdades do que no estado de vigília.

Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro.

Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, quer deste mundo, quer do outro. Dizes frequentemente: Tive um sonho extravagante, um sonho horrível, mas absolutamente inverossímil.

Enganas-te. É amiúde uma recordação dos lugares e das coisas que viste ou que verás em outra existência ou em outra ocasião. Estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de quebrar seus grilhões e de investigar no passado ou no futuro.

Pobres homens, que mal conheceis os mais vulgares fenômenos da vida! Julgai-vos muito sábios e as coisas mais mezinhas vos confundem. Nada sabeis responder a estas perguntas que todas as crianças formulam: Que fazemos quando dormimos? Que são os sonhos?

O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre. Tiveram sonhos inteligentes os Espíritos que, desencarnando, logo se desligam da matéria. Esses Espíritos, quando dormem, vão para junto dos seres que lhes são superiores. Com estes viajam, conversam e se instruem. Trabalham mesmo em obras que se lhes deparam concluídas, quando voltam, morrendo na Terra, ao mundo espiritual. Ainda esta circunstância é de molde a vos ensinar que não deveis temer a morte, pois que todos os dias morreis, como disse um santo.

Isto, pelo que concerne aos Espíritos elevados. Pelo que respeita ao grande número de homens que, morrendo, têm que passar longas horas na perturbação, na incerteza de que tantos já vos falaram, esses vão, enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quicá mais baixos do que os em que aqui tanto se deleitam. Vão beber doutrinas ainda mais vis, mais ignóbeis, mais funestas do que as que professam entre vós. E o que gera a simpatia na Terra é o fato de sentir-se o homem, ao despertar, ligado pelo coração àqueles com quem acaba de passar oito ou nove horas de ventura ou de prazer. Também as antipatias invencíveis se explicam pelo fato de sentirmos em nosso íntimo que os entes com quem antipatizamos têm uma consciência diversa da nossa. Conhecemo-los sem nunca os termos visto com os olhos. É ainda o que explica a indiferença de muitos homens.

Não cuidam de conquistar novos amigos, por saberem que muitos têm que os amam e lhes querem. Numa palavra: o sono influi mais do que supondes na vossa vida.

Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos superiores assentem, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Quis Deus que, tendo de estar em contacto com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com seus amigos do céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final, que os restituirá ao meio que

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

lhes é próprio. O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. Notai, porém, que nem sempre sonhais. Que quer isso dizer? Que nem sempre vos lembrais do que vistes, ou de tudo o que haveis visto, enquanto dormíeis. É que não tendes então a alma no pleno desenvolvimento de suas faculdades.

Muitas vezes, apenas vos fica a lembrança da perturbação que o vosso Espírito experimenta à sua partida ou no seu regresso, acrescida da que resulta do que fizestes ou do que vos preocupa quando despertos.

A não ser assim, como explicaríeis os sonhos absurdos, que tanto os sábios, quanto as mais humildes e simples criaturas têm? Acontece também que os maus Espíritos se aproveitam dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilânimes.

Em suma, dentro em pouco vereis vulgarizar-se outra espécie de sonhos. Conquanto tão antiga como a de que vimos falando, vós a desconheceis. Refiro-me aos sonhos de Joana, ao de Jacob, aos dos profetas judeus e aos de alguns adivinhos indianos. São recordações guardadas por almas que se desprendem quase inteiramente do corpo, recordações dessa segunda vida a que ainda há pouco aludíamos.

Tratai de distinguir essas duas espécies de sonhos nos de que vos lembrais, do contrário cairíeis em contradições e em erros funestos a vossa fé.”

Os sonhos são efeito da emancipação da alma, que mais independente se torna pela suspensão da vida ativa e de relação.

Daí uma espécie de clarividência indefinida que se alonga até aos mais afastados lugares e até mesmo a outros mundos. Daí também a lembrança que traz à memória acontecimentos da precedente existência ou das existências anteriores. As singulares imagens do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeados de coisas do mundo atual, é que formam esses conjuntos estranhos e confusos, que nenhum sentido ou ligação parecem ter.

A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas que apresenta a recordação incompleta que conservamos do que nos apareceu quando sonhávamos. É como se a uma narração se truncassem frases ou trechos ao acaso. Reunidos depois, os fragmentos restantes nenhuma significação racional teriam.

403. Por que não nos lembramos sempre dos sonhos?

“Em o que chamas sono, só há o repouso do corpo, visto que o Espírito está constantemente em atividade. Recobra, durante o sono, um pouco da sua liberdade e se corresponde com os que lhe são caros, quer neste mundo, quer em outros. Mas, como é pesada e grosseira a matéria que o compõe, o corpo dificilmente conserva as impressões que o Espírito recebeu, porque a este não chegaram por intermédio dos órgãos corporais.”

404. Que se deve pensar das significações atribuídas aos sonhos?

“Os sonhos não são verdadeiros como o entendem os leitores de buena-dicha, pois fora absurdo crer-se que sonhar com tal coisa anuncia tal outra. São verdadeiros no sentido de que apresentam imagens que para o Espírito têm realidade, porém que, frequentemente, nenhuma relação guardam com o que se passa na vida corporal. São também, como atrás dissemos, um pressentimento do futuro, permitido por Deus, ou a visão do que no momento ocorre em outro lugar a que a alma se transporta. Não se contam por muitos os casos de pessoas que em sonho aparecem a seus parentes e amigos, a fim de avisá-los do que a elas está acontecendo? Que são essas aparições senão as almas ou Espíritos de tais pessoas a se comunicarem com entes caros? Quando tendes certeza de que o que vistes realmente se deu, não fica provado que a imaginação nenhuma parte tomou na ocorrência, sobretudo se o que observastes não vos passava pela mente quando em vigília?”

405. Acontece com freqüência verem-se em sonho coisas que parecem um pressentimento, que, afinal, não se confirma. A que se deve atribuir isto?

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

“Pode suceder que tais pressentimentos venham a confirmar-se apenas para o Espírito. Quer dizer que este viu aquilo que desejava, foi ao seu encontro. É preciso não esquecer que, durante o sono, a alma está mais ou menos sob a influência da matéria e que, por conseguinte, nunca se liberta completamente de suas idéias terrenas, donde resulta que as preocupações do estado de vigília podem dar ao que se vê a aparência do que se deseja, ou do que se teme. A isto é que, em verdade, cabe chamar-se efeito da imaginação. Sempre que uma idéia nos preocupa fortemente, tudo o que vemos se nos mostra ligado a essa idéia.”

406. Quando em sonho vemos pessoas vivas, muito nossas conhecidas, a praticarem atos de que absolutamente não cogitam, não é isso puro efeito de imaginação?

“De que absolutamente não cogitam, dizes. Que sabes a tal respeito? Os Espíritos dessas pessoas vêm visitar o teu, como o teu os vai visitar, sem que saibas sempre o em que eles pensam. Demais, não é raro atribuídes, de acordo com o que desejais, a, pessoas que conheceis, o que se deu ou se está dando em outras existências.”

407. É necessário o sono completo para a emancipação do Espírito?

“Não; basta que os sentidos entrem em torpor para que o Espírito recobre a sua liberdade. Para se emancipar, ele se aproveita de todos os instantes de trégua que o corpo lhe concede. Desde que haja prostração das forças vitais, o Espírito se desprende, tornando-se tanto mais livre, quanto mais fraco for o corpo.”

Assim se explica que imagens idênticas às que vemos, em sonho, vejamos estando apenas meio dormindo, ou em simples modorra.

408. E qual a razão de ouvirmos, algumas vezes em nós mesmos, palavras pronunciadas distintamente e que nenhum nexa têm com o que nos preocupa?

“É fato: ouvís até mesmo frases inteiras, principalmente quando os sentidos começam a entorpecer-se. É, quase sempre, fraco eco do que diz um Espírito que convosco se quer comunicar.”

409. Doutras vezes, num estado que ainda não é bem o do adormecimento, estando com os olhos fechados, vemos imagens distintas, figuras cujas mínimas particularidades percebemos. Que há aí, efeito de visão ou de imaginação?

“Estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de desprender-se. Transporta-se e vê. Se já fosse completo o sono, haveria sonho.”

410. Dá-se também que, durante o sono, ou quando nos achamos apenas ligeiramente adormecidos, acodem-nos idéias que nos parecem excelentes e que se nos apagam da memória, apesar dos esforços que façamos para retê-las. Donde vêm essas idéias?

“Provêm da liberdade do Espírito que se emancipa e que, emancipado, goza de suas faculdades com maior amplitude.

Também são, frequentemente, conselhos que outros Espíritos dão.”

a) — De que servem essas idéias e esses conselhos, desde que, pelos esquecer, não os podemos aproveitar?

“Essas idéias, em regra, mais dizem respeito ao mundo dos Espíritos do que ao mundo corpóreo. Pouco importa que comumente o Espírito as esqueça, quando unido ao corpo. Na ocasião oportuna, voltar-lhe-ão como inspiração de momento.”

411. Estando desprendido da matéria e atuando como Espírito, sabe o Espírito encarnado qual será a época de sua morte?

“Acontece pressenti-la. Também sucede ter plena consciência dessa época, o que dá lugar a que, em estado de vigília, tenha a intuição do fato. Por isso é que algumas pessoas preveem com grande exatidão a data em que virão a morrer.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

412. Pode a atividade do Espírito, durante o repouso, ou o sono corporal, fatigar o corpo?

“Pode, pois que o Espírito se acha preso ao corpo qual balão cativo ao poste. Assim como as sacudidas do balão abalam o poste, a atividade do Espírito reage sobre o corpo e pode fatigá-lo.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano

226 – 11/09/2011

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Livro dos Espíritos

I. O Sono e os Sonhos

222. Os sonhos são verdadeiros no sentido de apresentarem imagens reais para o Espírito, mas, frequentemente, elas não têm relação com o que se passa na vida corpórea.

Muitas vezes são apenas uma recordação. Podem ser, também, um pressentimento do futuro, ou a visão do que se passa em outro lugar, a que a alma se transporta.

Há muitos exemplos de pessoas que aparecem em sonhos para advertir parentes e amigos.

(L.E., 404)

223. As preocupações da vigília podem dar àquilo que se vê a aparência do que desejamos ou do que tememos. A isso é que realmente se pode chamar um efeito da imaginação.

(L.E., 405)

224. Não é necessário o sono completo para a emancipação da alma.

O Espírito recobra a sua liberdade quando os sentidos se entorpecem; ele aproveita, para se emancipar, todos os instantes de descanso que o corpo lhe oferece.

(L.E., 407)

225. O Espírito encarnado muitas vezes pressente a época de sua morte, e às vezes tem dela uma consciência bastante clara, o que lhe dá, no estado de vigília, a sua intuição.

(L.E., 411)

226. A atividade do Espírito, durante o repouso do corpo, pode fatigar a este, porque o Espírito está ligado ao corpo como um balão cativo ao poste.

Ora, da mesma maneira que as sacudidas do balão abalam o poste, a atividade do Espírito reage sobre o corpo e pode produzir-lhe fadiga.

(L.E., 412)

227. O Espírito não está encerrado no corpo como numa caixa: ele irradia em todo o seu redor.

Eis por que pode comunicar-se com outros Espíritos, mesmo no estado de vigília, embora o faça mais dificilmente.

(L.E., 420)

II – VISITAS ESPÍRITAS ENTRE OS VIVOS

413. Do princípio da emancipação da alma parece decorrer que temos duas existências simultâneas: a do corpo, que nos permite a vida de relação ostensiva; e a da alma, que nos proporciona a vida de relação oculta. É assim?

“No estado de emancipação, prima a vida da alma.

Contudo, não há, verdadeiramente, duas existências. São antes duas fases de uma só existência, porquanto o homem não vive duplamente.”

414. Podem duas pessoas que se conhecem visitar-se durante o sono?

“Certo e muitos que julgam não se conhecerem costumam reunir-se e falar-se.

Podes ter, sem que o suspeites, amigos em outro país.

É tão habitual o fato de irdes encontrar-vos, durante o sono, com amigos e parentes, com os que conheceis e que vos podem ser úteis, que quase todas as noites fazeis essas visitas.”

415. Que utilidade podem elas ter, se as olvidamos?

“De ordinário, ao despertardes, guardais a intuição desse fato, do qual se originam certas idéias que vos vêm espontaneamente, sem que possais explicar como vos acudiram. São idéias que adquiristes nessas confabulações.”

416. Pode o homem, pela sua vontade, provocar as visitas espíritas?

Pode, por exemplo, dizer, quando está para dormir: Quero esta noite encontrar-me em Espírito com Fulano, quero falar-lhe para dizer isto?

“O que se dá é o seguinte: Adormecendo o homem, seu Espírito desperta e, muitas vezes, nada disposto se mostra a fazer o que o homem resolvera, porque a vida deste pouco interessa ao seu Espírito, uma vez desprendido da matéria.

Isto com relação a homens já bastante elevados espiritualmente.

Os outros passam de modo muito diverso a fase espiritual de sua existência terrena. Entregam-se às paixões que os escravizaram, ou se mantêm inativos. Pode, pois, suceder, tais sejam os motivos que a isso o induzem, que o Espírito vá visitar aqueles com quem deseja encontrar-se. Mas, não constitui razão, para que semelhante coisa se verifique, o simples fato de ele o querer quando desperto.”

417. Podem Espíritos encarnados reunir-se em certo número e formar assembleias?

“Sem dúvida alguma. Os laços, antigos ou recentes, da amizade costumam reunir desse modo diversos Espíritos, que se sentem felizes de estar juntos.”

Pelo termo antigos se devem entender os laços de amizade contraída em existências anteriores. Ao despertar, guardamos intuição das idéias que haurimos nesses colóquios, mas ficamos na ignorância da fonte donde promanaram.

418. Uma pessoa que julgasse morto um de seus amigos, sem que tal fosse a realidade, poderia encontrar-se com ele, em Espírito, e verificar que continuava vivo? E, dado o fato, poderia, ao despertar, ter dele a intuição?

“Como Espírito, a pessoa que figuras pode ver o seu amigo e conhecer-lhe a sorte. Se lhe não houver sido imposto, por prova, crer na morte desse amigo, poderá ter um pressentimento da sua existência, como poderá tê-lo de sua morte.”

Especial

434 – 04/10/2015

O Consolador – (Luiz Carlos Formiga)

II. Visitas Espíritas entre Vivos

Sono e Sonhos

Visitas durante o sono

O Livro dos Espíritos, questão 414. Podem duas pessoas que se conhecem visitar-se durante o sono?

“Certo e muitos que julgam não se conhecerem costumam reunir-se e falar-se.

Podes ter, sem que o suspeites, amigos em outro país.

É tão habitual o fato de irdes encontrar-vos, durante o sono, com amigos e parentes, com os que conheceis e que vos podem ser úteis, que quase todas as noites fazeis essas visitas.”

Sob o ponto de vista biomédico, como podemos perceber que uma pessoa está sonhando?

Por estranhos movimentos oculares produzidos em certa etapa do sonho.

O período REM (rapid eye movements) é “paradoxal” porque no ápice do relaxamento vamos encontrar uma atividade intensa de numerosas estruturas cerebrais, com variação da frequência das ondas cerebrais e traçado próximo ao do estado de vigília.

Há nessa fase anulação do olfato e paladar, mas as células nervosas enviam estímulos ao ouvido, aos olhos e ao sentido do equilíbrio.

Quando acordadas neste período as pessoas eram capazes de contar um sonho.

Como interpretar o sonho que tivemos com um ente querido já desencarnado?

A tarefa não é muito fácil porque estamos mergulhados numa matéria muito densa.

No entanto, o Espírito André Luiz (médico desencarnado) nos oferece um exemplo muito bom e que é encontrado no “Os Mensageiros” (FEB) capítulo 38, quando a neta sonha com a avó desencarnada e faz a interpretação da mensagem recebida.

Aparições dos Espíritos de pessoas vivas

114. Estes dois fenômenos são variedades do das manifestações visuais e, por muito maravilhosos que pareçam à primeira vista, facilmente se reconhecerá, pela explicação que deles se pode dar, que não estão fora da ordem dos fenômenos naturais.

Assentam ambos no princípio de que tudo o que ficou dito, das propriedades do perispírito após a morte, se aplica ao perispírito dos vivos.

Sabemos que durante o sono o Espírito readquire parte da sua liberdade, isto é, isola-se do corpo e é nesse estado que, em muitas ocasiões, se tem ensejo de observá-lo.

Mas, o Espírito, quer o homem esteja vivo, quer morto, traz sempre o envoltório semimaterial que, pelas mesmas causas de que já tratamos, pode tornar-se visível e tangível. Há fatos muito positivos, que nenhuma dúvida permitem a tal respeito.

Citaremos apenas alguns exemplos, de que temos conhecimento pessoal e cuja exatidão podemos garantir, sendo que a todos é possível registrar outros análogos, consultando suas próprias reminiscências.

115. A mulher de um dos nossos amigos viu repetidas vezes entrar no seu quarto, durante a noite, houvesse ou não luz, uma vendedora de frutas que ela conhecia de vista, residente nas cercanias, mas com quem jamais falara.

Grande terror lhe causou essa aparição, não só porque, na época em que se deu, ela ainda nada conhecia do Espiritismo, como também porque se produzia com muita freqüência.

Ora, a vendedora de frutas estava perfeitamente viva e, àquelas horas, provavelmente dormia. Assim, enquanto, na sua casa, seu corpo material repousava, seu Espírito, com o respectivo corpo fluídico, ia à casa da senhora em questão.

Por que motivo? É o que se não sabe. Diante de fato de tal natureza, um espírita, iniciado nessa espécie de fenômenos, ter-lhe-ia perguntado; disso, porém, nenhuma idéia teve a senhora.

De todas as vezes, a aparição se eclipsava, sem que ela soubesse como, e, de todas igualmente, após a desapareção, cuidou de se certificar de que as portas estavam bem fechadas, de modo a não poder ninguém penetrar-lhe no aposento.

Esta precaução lhe deu a prova de estar sempre completamente, acordada na ocasião e de não haver sido juguete de um sonho.

De outras vezes, viu, da mesma maneira, um homem que lhe era desconhecido e, certo dia, viu seu próprio irmão, que se achava na Califórnia.

Este se lhe apresentou com a aparência tão perfeita de uma pessoa real, que, no primeiro momento, acreditou que ele houvesse regressado e quis dirigir-lhe a palavra.

Logo, entretanto, o vulto desapareceu, sem lhe dar tempo a isso.

Uma carta, que posteriormente lhe chegou, trouxe-lhe a prova de que o irmão, que ela vira, não morrera. Essa senhora era o que se pode chamar um médium vidente natural.

Mas, então, como acima dissemos, ainda nunca ouvira falar em médiuns.

III – TRANSMISSÃO OCULTA DO PENSAMENTO

419. Que é o que dá causa a que uma idéia, a de uma descoberta, por exemplo, surja em muitos pontos ao mesmo tempo?

“Já dissemos que durante o sono os Espíritos se comunicam entre si. Ora bem! Quando se dá o despertar, o Espírito se lembra do que aprendeu e o homem julga ser isso um invento de sua autoria. Assim é que muitos podem simultaneamente descobrir a mesma coisa. Quando dizeis que uma idéia paira no ar, usais de uma figura de linguagem mais exata do que supondes. Todos, sem o suspeitarem, contribuem para propagá-la.”

Desse modo, o nosso próprio Espírito revela muitas vezes, a outros Espíritos, mau grado nosso, o que constituía objeto de nossas preocupações no estado de vigília.

420. Podem os Espíritos comunicar-se, estando completamente despertados os corpos?

“O Espírito não se acha encerrado no corpo como numa caixa; irradia por todos os lados. Segue-se que pode comunicar-se com outros Espíritos, mesmo em estado de vigília, se bem que mais dificilmente.”

421. Como se explica que duas pessoas, perfeitamente acordadas, tenham instantaneamente a mesma idéia?

“São dois Espíritos simpáticos que se comunicam e vêem reciprocamente seus pensamentos respectivos, embora sem estarem adormecidos os corpos.”

Há, entre os Espíritos que se encontram, uma comunicação de pensamento, que dá causa a que duas pessoas se vejam e compreendam sem precisarem dos sinais ostensivos da linguagem.

Poder-se-ia dizer que falam entre si a linguagem dos Espíritos.

Telepatia e Pressentimentos

Telepatia é a transmissão do pensamento de um ser para outro

1. Os Espíritos exercem tamanha influência sobre nossos pensamentos e atos que amiúde somos por eles dirigidos. O fato se dá porque eles povoam os mesmos espaços em que vivemos, acompanham-nos em nossas atividades e ocupações, intervêm em nossas reuniões e nos seguem ou nos evitam, conforme os atraímos ou repelimos. Estamos, pois, cercados por Espíritos, independentemente de sermos ou não médiuns produtivos, e sua influência oculta sobre nós se faz sentir em razão do grau de afinidade que mantivermos com eles.

2. Essa influência é, às vezes, tão sutil que não conseguimos estabelecer uma separação entre o que nos é próprio e o que é dos Espíritos. Daí é fácil deduzir que entre nossas idéias e imagens mentais podem estar disseminadas idéias e desejos de Espíritos estranhos, sem que disso nos apercebamos.

3. Analisando essa influência podemos entender melhor o fenômeno vulgarmente denominado telepatia, que consiste, em essência, na ocorrência de uma impressão psíquica intensa que se manifesta geralmente de inopino, seja durante o estado de vigília, seja durante o sono, impressão essa que tem ligação com um acontecimento desenrolado a distância. Resumidamente, telepatia é a transmissão do pensamento de um ser para outro.

4. Há entre certos indivíduos uma certa comunicação de pensamentos que dá causa a que se vejam e se compreendam sem precisarem, para isso, dos sinais ostensivos da linguagem. Pode-se dizer que eles falam a linguagem dos Espíritos. Em tais fenômenos há sempre alguém que é mais apto para transmitir o pensamento e outro com maior predisposição para ser receptor.

O termo telepatia foi proposto por Frederic Myers em 1882

5. O estudo da telepatia iniciou-se por volta de 1825, quando se fizeram na França as primeiras experiências magnéticas, mas somente muito mais tarde é que se encarou a telepatia com seriedade científica. O termo foi proposto por Frederic Myers em 1882 e adotado nos trabalhos da Society Psychical Research. Asseverou Myers: “Entendo por telepatia a transmissão do pensamento e das sensações, feita pelo Espírito de um indivíduo a outro sem que seja pronunciada uma palavra, escrito um vocábulo ou feito um sinal”.

6. A telepatia faz-nos subir mais um degrau na escala da vida psíquica. Achamo-nos diante desse fenômeno na presença de um ato poderoso da vontade. As manifestações telepáticas não comportam limites. O poder e a independência da alma nelas se revelam soberanamente porque o corpo físico nenhum papel representa no fenômeno; em verdade, ele constitui mais um obstáculo do que um auxílio. Por causa disso, tais manifestações se produzem com maior intensidade depois da morte.

7. A telepatia pode ser espontânea ou experimental.

8. A telepatia espontânea subdivide-se em:

A) Relativa a um acontecimento futuro iminente – casos de pressentimentos, premonições, visões premonitórias e aparições de moribundos;

B) Relativa ao presente ou a um passado recente – casos de visões nítidas ou adivinhação de acontecimentos afastados, bem como aparições de vivos. Com frequência, o fenômeno diz respeito a uma pessoa unida ao percipiente por laços afetivos mais ou menos fortes.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

Pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras

9. A telepatia experimental engloba os casos que traduzem uma impressão psíquica produzida a distância sobre uma pessoa pela ação e força da vontade de outra pessoa. Os estudiosos reconhecem, porém, que a telepatia experimental encontra-se longe de ser estabelecida de modo tão nítido quanto a espontânea.

10. Um outro tipo de influência dos Espíritos em nossos pensamentos e atos é o pressentimento, que é definido por Allan Kardec em **O Livro dos Médiuns** como sendo uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas, diz o Codificador, têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. O fato deve-se às vezes a uma espécie de dupla vista, que permite ao indivíduo entrever as consequências e a filiação dos acontecimentos; mas, em muitos casos, é o resultado de comunicações ocultas. É então, sobretudo nesses casos, que se pode dar aos que dela são dotados o nome de médiuns de pressentimentos, que constituem uma variedade dos médiuns inspirados.

11. Neste último caso, isto é, no pressentimento como consequência de uma comunicação oculta, quem geralmente se comunica é um Espírito amigo e bondoso, alguém que traz um conselho íntimo ou uma advertência carinhosa a uma pessoa estimada.

12. O pressentimento pode manifestar-se também através de uma vaga lembrança que o Espírito tem das provas ou dos acontecimentos a que deverá submeter-se. Pressentir a hora da desencarnação, por exemplo, tem sido uma ocorrência até certo ponto comum em muitos indivíduos. E se alguns pressentem a sua desencarnação porque foram avisados por parentes ou amigos desencarnados, outros, contudo, têm disso uma firme convicção sem que saibam explicar o motivo.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 421, 459 e 522.)

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (itens 184 e 232.)

Léon Denis, O Problema do Ser, do Destino e da Dor, (p. 91.)

Camille Flammarion, O Desconhecido e os Problemas Psíquicos, (pp. 111 e 112; vol. 2, pp. 38, 39 e 47.)

Gustave Geley, O Ser Subconsciente, (pp. 109 a 111.)

João Teixeira de Paula, Dicionário Enciclopédico Ilustrado, (pp. 257 e 258.)

IV – LETARGIA, CATALEPSIA, MORTE APARENTE

422. Os letárgicos e os catalépticos, em geral, vêem e ouvem o que em derredor se diz e faz, sem que possam exprimir que estão vendo e ouvindo. É pelos olhos e pelos ouvidos que têm essas percepções?

“Não; pelo Espírito. O Espírito tem consciência de si, mas não pode comunicar-se.”

a) — Por quê?

“Porque a isso se opõe o estado do corpo. E esse estado especial dos órgãos vos prova que no homem há alguma coisa mais do que o corpo, pois que, então, o corpo já não funciona e, no entanto, o Espírito se mostra ativo.”

423. Na letargia, pode o Espírito separar-se inteiramente do corpo, de modo a imprimir-lhe todas as aparências da morte e voltar depois a habitá-lo?

“Na letargia, o corpo não está morto, porquanto há funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade se encontra em estado latente, como na crisálida, porém não aniquilada. Ora, enquanto o corpo vive, o Espírito se lhe acha ligado. Em se rompendo, por efeito da morte real e pela desagregação dos órgãos, os laços que prendem um ao outro, integral se torna a separação e o Espírito não volta mais ao seu envoltório. Desde que um homem, aparentemente morto, volve à vida, é que não era completa a morte.”

424. Por meio de cuidados dispensados a tempo, podem reatar-se laços prestes a se desfazerem e restituir-se à vida um ser que definitivamente morreria se não fosse socorrido?

“Sem dúvida e todos os dias tendes a prova disso. O magnetismo, em tais casos, constitui, muitas vezes, poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta para manter o funcionamento dos órgãos.”

A letargia e a catalepsia derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada. Diferem uma da outra em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou menos extensa do corpo, de sorte a permitir que a inteligência se manifeste livremente, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes magnética.

A catalepsia e a letargia podem ser espontâneas ou provocadas

1. Os termos letargia e catalepsia têm sido empregados para designar estados diversos, espontâneos ou provocados, nos quais a característica comum é a diminuição da motilidade voluntária e da sensibilidade nervosa, fato que pode chegar até mesmo a uma aparente suspensão de todas as funções vitais. À época de Kardec, considerava-se a letargia a apresentação mais aguda desse estado. O letárgico nada ouve, nada sente, não vê o mundo exterior, e a própria consciência se lhe apaga, apresentando-se num estado que se assemelha à morte.

2. A catalepsia é a suspensão parcial ou total da sensibilidade e dos movimentos voluntários, conforme a intensidade menor ou maior do estado cataléptico. Embora alguns autores considerem patológico tal estado, outra é a opinião do Dr. Bezerra de Menezes (Espírito), que afirma que tanto a catalepsia como a letargia não são enfermidades físicas, mas faculdades que, como qualquer outra faculdade medianímica insipiente, incompreendida ou descurada, podem tornar-se prejudiciais ao seu possuidor. O estudo que o Dr. Bezerra de Menezes fez sobre o assunto pode ser visto no cap. 1 do livro “Recordações da Mediunidade”, de Yvonne A. Pereira.

3. Degenerada em estado patológico, a catalepsia pode manifestar-se em diversas enfermidades, como na histeria, na epilepsia e em algumas formas de esquizofrenia, sempre de modo intermitente, por acessos. Caracteriza esse estado, como dissemos, a perda mais ou menos completa da sensibilidade externa e dos movimentos voluntários, acompanhada de extrema rigidez dos músculos.

4. Como dito inicialmente, a catalepsia pode ocorrer naturalmente, sem uma causa aparente, ou ser provocada. Neste último caso, embora o paciente não consiga realizar atividade alguma voluntária, age sob a sugestão do operador, como um autômato nas mãos do magnetizador, sem liberdade de ação e movimentos. Nesse estado, ele não fala, não ouve, não pensa, senão por determinação do experimentador, que pode fazê-lo rir, chorar, gritar, sentir calor ou frio, etc.

Na letargia, o paciente jaz imóvel, como se morto estivesse

5. Diferente é o que se passa com o letárgico, que jaz imóvel, com os membros pendentes, moles e flácidos, sem rigidez alguma, de modo que, se erguido, cairá pesadamente quando solto. Nesse estado, sua respiração e o pulso são quase imperceptíveis e as pupilas, mais ou menos dilatadas, não reagem mais à luz. Com o sensório totalmente, adormecido, a inércia da mente parece absoluta.

6. Há, no entanto, uma modalidade de letargia em que a atividade psíquica interna se desenvolve como de ordinário, como descreve José Lapponi em seu livro “Hipnotismo e Espiritismo”. Em casos assim, o paciente percebe e compreende o que está ocorrendo, mas não consegue exprimir aos outros o que realmente sente no seu ímo. A esta variedade de letargo os especialistas dão o nome de letargia lúcida.

7. É dentro da letargia, em qualquer de suas modalidades, que se incluem os casos de mortes aparentes registrados na História e também nas Escrituras. Entre os casos que constituem exemplos clássicos de letargia lúcida cita-se o do Cardeal Donnet, que quase foi enterrado vivo quando nesse estado.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

8. Ensina o Espiritismo que os letárgicos e os catalépticos, em geral, veem e ouvem o que em derredor se passa, embora não possam exprimir o que então observam. Essas percepções se devem ao Espírito, que tem plena consciência de si e das coisas que estão ocorrendo, mas não pode comunicar-se, em face do estado especial que acometeu o veículo corporal.

A ressuscitação só é possível se a morte não está completa

9. O Novo Testamento refere casos de ressuscitação que se tornaram célebres ao tempo de Jesus, como os episódios que envolveram o filho de uma viúva de Naim, a filha de Jairo e Lázaro, irmão de Marta e Maria. É evidente, observam os estudiosos espíritas, que tais casos não passaram do conhecido fenômeno de morte aparente, em que, possivelmente em estado de letargia ou catalepsia, aquelas três pessoas foram consideradas mortas.

10. Nesse estado, o corpo ainda vive, porquanto há nele funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade encontra-se em estado latente, como na crisálida, mas não aniquilada. Se o corpo está vivo, o Espírito se lhe acha ligado. Por isso, se um indivíduo, aparentemente morto, volve à vida, é porque não era completa a morte.

11. Se a morte não está completa, podem reatar-se, por meio de cuidados dispensados a tempo, os laços prestes a se desfazerem e restituir-se à vida um ser que morreria, se não fosse socorrido. Esse fato foi o que se deu nos episódios narrados pelos evangelistas e não há dúvida de que o magnetismo exerceu um papel preponderante no caso, visto que restituindo ao corpo enfraquecido o fluido vital de que ele carece, pode a ação magnética contribuir para que o ressuscitamento se dê, o que não constitui em absoluto um prodígio ou um milagre.

12. Dos casos citados, parece-nos que o de Lázaro é o que melhor se enquadra como letargia ou catalepsia completa, porquanto, estando sepultado por vários dias, o irmão de Marta volveu à vida, graças ao prodigioso poder magnético de Jesus.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 422 a 424.)

Michaelus, Magnetismo Espiritual, (pp. 198 e 199.)

José Lapponi, Hipnotismo e Espiritismo, (pp. 67 e 68.)

André Luiz, Mecanismos da Mediunidade, (psicografia Chico Xavier), (p. 99.)

Yvonne A. Pereira, Recordações da Mediunidade, (pp. 11 a 22.)

Evangelho segundo **João**, 11:1-46.

Evangelho segundo **Lucas**, 7:11-17 e 8:41-56.

Evangelho segundo **Mateus**, 9:18-26.

Evangelho segundo **Marcos**, 5:21-43.

V – O SONAMBULISMO

425. O sonambulismo natural tem alguma relação com os sonhos? Como explicá-lo?

“É um estado de independência do Espírito, mais completo do que no sonho, estado em que maior amplitude adquirem suas faculdades. A alma tem então percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

“No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo. Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, deixam de receber as impressões exteriores. Esse estado se apresenta principalmente durante o sono, ocasião em que o Espírito pode abandonar provisoriamente o corpo, por se encontrar este gozando do repouso indispensável à matéria. Quando se produzem os fatos do sonambulismo, é que o Espírito, preocupado com uma coisa ou outra, se aplica a uma ação qualquer, para cuja prática necessita de utilizar-se do corpo. Serve-se então deste, como se serve de uma mesa ou de outro objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo como se utiliza da mão do médium nas comunicações escritas. Nos sonhos de que se tem consciência, os órgãos, inclusive os da memória, começam a despertar. Recebem imperfeitamente as impressões produzidas por objetos ou causas externas e as comunicam ao Espírito, que, então, também em repouso, só experimenta, do que lhe é transmitido, sensações confusas e, amiúde, desordenadas, sem nenhuma aparente razão de ser, mescladas que se apresentam de vagas recordações, quer da existência atual, quer de anteriores. Facilmente, portanto, se compreende por que os sonâmbulos nenhuma lembrança guardam do que se passou enquanto estiveram no estado sonambúlico e por que os sonhos, de que se conserva memória, as mais das vezes não têm sentido. Digo — as mais das vezes, porque também sucede serem a conseqüência de lembrança exata de acontecimentos de uma vida anterior e até, não raro, uma espécie de intuição do futuro.”

426. O chamado sonambulismo magnético tem alguma relação com o sonambulismo natural?

“É a mesma coisa, com a só diferença de ser provocado.”

427. De que natureza é o agente que se chama fluido magnético?

“Fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal.”

428. Qual a causa da clarividência sonambúlica?

“Já o dissemos: É a alma que vê.”

429. Como pode o sonâmbulo ver através dos corpos opacos?

“Não há corpos opacos senão para os vossos grosseiros órgãos. Já precedentemente não dissemos que a matéria nenhum obstáculo oferece ao Espírito, que livremente a atravessa? Frequentemente ouvis o sonâmbulo dizer que vê pela, frente, pelo punho, etc., porque, achando-vos inteiramente presos à matéria, não compreendeis lhe seja possível ver sem o auxílio dos órgãos. Ele próprio, pelo desejo que manifestais, julga precisar dos órgãos. Se, porém, o deixásseis livre, compreenderia que vê por todas as partes do seu corpo, ou, melhor falando, que vê de fora do seu corpo.”

430. Pois que a sua clarividência é a de sua alma ou de seu Espírito, por que é que o sonâmbulo não vê tudo e tantas vezes se engana?

“Primeiramente, aos Espíritos imperfeitos não é dado verem tudo e tudo saberem. Não ignoras que ainda partilham dos vossos erros e prejuízos. Depois, quando unidos à matéria, não gozam de todas as suas faculdades de Espírito.

Deus outorgou ao homem a faculdade sonambúlica para fim útil e sério, não para que se informe do que não deva saber. Eis por que os sonâmbulos nem tudo podem dizer.”

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

431. Qual a origem das idéias inatas do sonâmbulo e como pode falar com exatidão de coisas que ignora quando desperto, de coisas que estão mesmo acima de sua capacidade intelectual?

“É que o sonâmbulo possui mais conhecimentos do que os que lhe supões. Apenas, tais conhecimentos dormitam, porque, por demasiado imperfeito, seu invólucro corporal não lhe consente rememorá-lo. Que é, afinal, um sonâmbulo?

Espírito, como nós, e que se encontra encarnado na matéria para cumprir a sua missão, despertando dessa letargia quando cai em estado sonambúlico. Já te temos dito, repetidamente, que vivemos muitas vezes. Esta mudança é que, ao sonâmbulo, como a qualquer Espírito ocasiona a perda material do que haja aprendido em precedente existência. Entrando no estado, a que chamas crise, lembra-se do que sabe, mas sempre de modo incompleto.

Sabe, mas não poderia dizer donde lhe vem o que sabe, nem como possui os conhecimentos que revela. Passada a crise, toda recordação se apaga e ele volve à obscuridade.”

Mostra a experiência que os sonâmbulos também recebem comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devam dizer e suprem à incapacidade que denotam. Isto se verifica principalmente nas prescrições médicas. O Espírito do sonâmbulo vê o mal, outro lhe indica o remédio. Essa dupla ação é às vezes patente e se revela, além disso, por estas expressões muito frequentes: dizem-me que diga, ou próbem-me que diga tal coisa.

Neste último caso, há sempre perigo em insistir-se por uma revelação negada, porque se dá azo a que intervenham Espíritos levianos, que falam de tudo sem escrúpulo e sem se importarem com a verdade.

432. Como se explica a visão a distância em certos sonâmbulos?

“Durante o sono, a alma não se transporta? O mesmo se dá no sonambulismo.”

433. O desenvolvimento maior ou menor da clarividência sonambúlica depende da organização física, ou só da natureza do Espírito encarnado?

“De uma e outra. Há disposições físicas que permitem ao Espírito desprender-se mais ou menos facilmente da matéria.”

434. As faculdades de que goza o sonâmbulo são as que tem o Espírito depois da morte?

“Somente até certo ponto, pois cumpre se atenda à influência da matéria a que ainda se acha ligado.”

435. Pode o sonâmbulo ver os outros Espíritos?

“A maioria deles os vê muito bem, dependendo do grau e da natureza da lucidez de cada um. É muito comum, porém, não perceberem, no primeiro momento, que estão vendo Espíritos e os tomarem por seres corpóreos. Isso acontece principalmente aos que, nada conhecendo do Espiritismo, ainda não compreendem a essência dos Espíritos. O fato os espanta e fá-los supor que têm diante da vista seres terrenos.”

O mesmo se dá com os que, tendo morrido, ainda se julgam vivos. Nenhuma alteração notando ao seu redor e parecendo-lhes que os Espíritos têm corpos iguais aos nossos, tomam por corpos reais os corpos aparentes com que os mesmos Espíritos se lhes apresentam.

436. O sonâmbulo que vê, a distância, vê do ponto em que se acha o seu corpo, ou do em que está sua alma?

“Por que esta pergunta, desde que sabes ser a alma quem vê e não o corpo?”

437. Posto que o que se dá, nos fenômenos sonambúlicos, é que a alma se transporta, como pode o sonâmbulo experimentar no corpo as sensações do frio e do calor, existentes no lugar onde se acha sua alma, muitas vezes bem distante do seu invólucro?

“A alma, em tais casos, não tem deixado inteiramente o corpo; conserva-se-lhe presa pelo laço que os liga e que então desempenha o papel de condutor das sensações.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

Quando duas pessoas se comunicam de uma cidade para outra, por meio da eletricidade, esta constitui o laço que lhes liga os pensamentos. Daí vem que confabulam como se estivessem ao lado uma da outra.”

438. O uso que um sonâmbulo faz da sua faculdade influi no estado do seu Espírito depois da morte?

“Muito, como o bom ou mau uso que o homem faz de todas as faculdades com que Deus o dotou.”

Sonambulismo não é desdobramento

“Por que você não usa o termo ‘desdobramento’, adotado por André Luiz? Não acha mais adequado que o termo ‘sonambulismo’, usado por Kardec? Penso que Kardec usou o termo naquela época por ser a melhor relação possível entre a observação e o cotidiano, mas acho o termo adotado por André Luiz mais acorde com a atualidade.”

Eis, acima, indagação de companheiro espírita, após ler nosso estudo: Sonambulismo natural em Reuniões Mediúnicas.

Ofereci a ele a seguinte resposta:

Sonambulismo e desdobramento não são sinônimos. Um e outro são faculdades anímicas. Mas não são a mesma coisa.

Tanto é que André Luiz – citado na pergunta – utilizou as duas palavras, em sua obra (1), não como sinônimas, mas em situações distintas.

Analisemos o assunto.

Independentemente de serem, ou não, sonâmbulos, desdobram-se letárgicos e catalépticos, assim como todos nós, quando dormimos; e os médiuns em geral, antes da ocorrência de qualquer fenômeno mediúnico. O fato de a pessoa ser sonâmbula facilitará esse desdobramento.

E, nessa condição, suas percepções são ampliadas:

“Em geral, suas ideias são mais justas do que no estado normal, e mais amplos seus conhecimentos, porque sua alma está livre. Numa palavra, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos.(2)

Hermínio C. Miranda, num pequeno grande livro(3), afirma que “alma e espírito são e não são a mesma coisa. A alma é a personalidade e o espírito, a individualidade.”

Se bem entendi a hipótese que ele nos apresenta e desenvolve, a personagem ‘dorme’ quando o sensitivo está em desdobramento. A partir daí, não é mais a alma (Espírito encarnado) que se manifesta, mas a individualidade (Espírito), agora livre dos condicionamentos que o corpo lhe impõe, com ‘apenas’ cinco sentidos.

Então, o fato de o médium ser sonâmbulo é que enseja a ele entrar no transe anímico – expressão do autor citado, na mesma obra –, a partir do qual ocorre o desdobramento espiritual, ou seja, o desdobramento, nele, é consequência da faculdade sonambúlica. Esta **facilita** a ocorrência daquele.

“Luciano, mergulhado num transe de perfil nitidamente anímico, no qual seu espírito, dono de todo um acervo mnemônico, falava através de seu próprio corpo físico, como uma espécie de médium de si mesmo.” (Palavras do escritor, à página 31, referindo-se a Luciano dos Anjos.)

Já Martins Peralva (4), registra que: “Antônio Castro: é médium **sonâmbulo**.”

E, na mesma obra e Capítulo (XV), à pág. 86, afirma: “O capítulo ‘Desdobramento em Serviço’, esclarece **essa singular mediunidade**, realmente **pouco comum entre nós**.”

“**Médium de desdobramento** é aquele cujo Espírito tem a propriedade ou faculdade de desprender-se do corpo.”

Com todo o respeito que dedico aos escritos do nobre e estudioso autor – ora na Pátria Espiritual –, ousou discordar dele nos dois casos: de que o desdobramento é raro e em afirmar que há médium de desdobramento.

A meu ver, ele se equivoca duplamente.

Primeiro, ao afirmar que o desdobramento é pouco comum entre nós – situação real, quem sabe, no passado. Mas tudo evolui; e mudanças ocorrem. Há que se preparar para elas e para novos aprendizados. Percentualmente, talvez o seja, mas em números, num universo de 200 milhões de brasileiros; ou de 7 bilhões de habitantes, na Terra, existe em grande número de pessoas sonâmbulas!

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

E, ainda que continuasse rara, necessita e merece ser estudada, compreendida, até para auxiliar, médiuns que a detêm e que sofrem, em muitos casos, enormemente, por não haver quem conheça um pouco dessa faculdade, e os auxilie e oriente!

Entendo, isto sim, que a faculdade é pouco conhecida, porque pouco ou raramente estudada, daí a dificuldade de muitos dirigentes de reuniões mediúnicas em identificá-la. Aliás, a própria Doutrina Espírita é pouco estudada por grande maioria daqueles que nos dizemos espíritas! E mais ainda, especialmente por muitos que dirigem ou atuam em Reuniões Mediúnicas; ou até assumem responsabilidades ainda maiores no Movimento Espírita.

Allan Kardec dedicou trinta e uma, questões – as de números 425 a 455 –, com mais duas, subquestões, ao tema, em O Livro dos Espíritos(5); os itens 172 a 174, em O Livro dos Médiuns; e inúmeros artigos na Revista Espírita, ao longo de vários anos! São algumas citações, para não nos alongarmos demais. Como se vê, para ele o assunto não é menor e, portanto, merece ser estudado e compreendido.

Em segundo lugar, ao chamar essa faculdade (de desdobramento) de mediunidade.

O simples fato de um médium, detentor da faculdade sonambúlica, achar-se em transe anímico – ou seja, desdobrado – não indica que haja Espírito a manifestar-se por ele. Não se encontra, nesse momento particular, incorporado por qualquer Entidade. Não existe, pois, médium de desdobramento. Existem médiuns que possuem a faculdade sonambúlica. Quando entram no transe anímico, desdobram-se e se manifestam eles mesmos, sem a interferência de outro Espírito. Não há, pois, no fato, o exercício da mediunidade; há, sim, uma ‘vivência’ sonambúlica, se assim podemos dizer.

A ausência de estudo dessa faculdade, repito, é erro extraordinário, pelos recursos que apresenta no socorro a espíritos sofredores, seja porque o médium, desdobrado, desloca-se a regiões distantes, ou próximas, onde existam intensos sofrimentos, seja porque permite – quando os Mentores Espirituais concordam com a aplicação desse recurso – submeter o espírito rebelde à regressão de memória, quando incorporado ao médium em transe sonambúlico – e, em casos assim, ele atua na condição de médium, exercitando a psicofonia sonambúlica (Ver o Cap. 8 da obra de André Luiz, acima indicada; e, ainda, o item 173, de O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec).

No item 172 deste último livro, o Codificador registra que:

“O sonambulismo pode ser considerado como uma variedade da faculdade mediúnica, ou melhor, são duas ordens de fenômenos que frequentemente se acham reunidos.”

Nesse mesmo item 172, diz ainda Allan Kardec:

“Mas, o Espírito que se comunica com um médium comum também pode fazê-lo com um sonâmbulo; aliás, o estado de emancipação da alma provocada pelo sonambulismo facilita essa comunicação.” (Sublinhamos).

Porque a faculdade sonambúlica favorece a incorporação, requer daqueles que a possuem vigilância igual ou ainda maior do que a de quaisquer médiuns; sobretudo no que se refere ao aprimoramento moral, eis que ficam mais sujeitos à obsessão. É o que se conclui com a leitura de André Luiz – obra citada (1), Cap. 10: Sonambulismo torturado.

Referindo-se à enferma “Aulus acentuou: – É um caso doloroso como o de milhares de criaturas.” (p. 89).

O nobre Espírito não usou a palavra ‘alguns’, mas ‘milhares’; ou seja, há número considerável de pessoas passando pela provação do “sonambulismo torturado”. No caso em estudo, a mulher deveria receber o perseguidor como filho, mas, ao engravidar, provocou o aborto, descumprindo compromissos espirituais, advindo daí sua enfermidade. (p. 91).

Em situações semelhantes, certamente haverá grande número de doentes mentais reiteradamente internados em clínicas especializadas, espíritas, ou não.

Sonâmbulos são médiuns independentemente de ‘entrarem’ no transe anímico e, nessa condição, incorporam, “como qualquer médium comum”, entidades sofredoras, ou não – mas o fazem

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

também no decorrer desse transe, quando desdobram-se e ocorre a psicofonia sonambúlica. Passam, assim, do transe anímico ao transe mediúnico.

Como vimos, sonambulismo não é ‘apenas’ desdobramento. E, portanto, nem essas faculdades são iguais, nem as expressões que as identificam são sinônimas!

Referências:

1. **André Luiz**, Nos Domínios da Mediunidade. (psicografia Chico Xavier), (Cap. 3, 8 e 11.)
2. **Kardec Allan**, O Livro dos Médiuns, (Segunda parte, Cap. XIV, Item 172.)
3. **Miranda Hermínio C**, O que é Fenômeno Anímico, (Páginas 19 e 31.)
4. **Peralva, Martins**. Estudando a Mediunidade. (Cap. VII, p. 44.)
5. **Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (questões 455 4 425.)

VI – ÊXTASE

439. Que diferença há entre o êxtase e o sonambulismo?

“O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático ainda é mais independente.”

440. O Espírito do extático penetra realmente nos mundos superiores?

“Vê esses mundos e compreende a felicidade dos que os habitam, donde lhe nasce o desejo de lá permanecer.

Há, porém, mundos inacessíveis aos Espíritos que ainda não estão bastante purificados.”

441. Quando o extático manifesta o desejo de deixar a Terra, fala sinceramente, não o retém o instinto de conservação?

“Isso depende do grau de purificação do Espírito.

Se verifica que a sua futura situação será melhor do que a sua vida presente, esforça-se por desatar os laços que o prendem à Terra.”

442. Se se deixasse o extático entregue a si mesmo, poderia sua alma abandonar definitivamente o corpo?

“Perfeitamente, poderia morrer. Por isso é que preciso se torna chamá-lo a voltar, apelando para tudo o que o prende a este mundo, fazendo-lhe sobretudo compreender que a maneira mais certa de não ficar lá, onde vê que seria feliz, consistiria em partir a cadeia que o tem preso ao planeta terreno.”

443. Pretendendo que lhe é dado ver coisas que evidentemente são produto de uma imaginação que as crenças e prejuízos terrestres impressionaram, não será justo concluir-se que nem tudo o que o extático vê é real?

“O que o extático vê é real para ele. Mas, como seu Espírito se conserva sempre debaixo da influência das idéias terrenas, pode acontecer que veja a seu modo, ou melhor, que exprima o que vê numa linguagem moldada pelos preconceitos e idéias de que se acha imbuído, ou, então, pelos vossos preconceitos e idéias, a fim de ser mais bem compreendido.

Neste sentido, principalmente, é que lhe sucede errar.”

444. Que confiança se pode depositar nas revelações dos extáticos?

“O extático está sujeito a enganar-se muito frequentemente, sobretudo quando pretende penetrar no que deva continuar a ser mistério para o homem, porque, então, se deixa levar pela corrente das suas próprias idéias, ou se torna juguete de Espíritos mistificadores, que se aproveitam da sua exaltação para fasciná-lo.”

445. Que deduções se podem tirar dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase? Não constituirão uma espécie de iniciação na vida futura?

“A bem, dizer, mediante esses fenômenos, o homem entrevê a vida passada e a vida futura. Estude-os e achará o aclaramento de mais de um mistério, que a sua razão inutilmente procura devassar.”

446. Poderiam tais fenômenos adequar-se às idéias materialistas?

“Aquele que os estudar de boa-fé e sem prevenções não poderá ser materialista, nem ateu.”

A mediunidade de madre Teresa de Ávila

Num velho sebo (loja de livros usados), folheei um livro interessante: Os santos que abalaram o mundo, de René Fülöp-Miller, tradução de Oscar Mendes, Livraria José Olímpio Editora – 1948. Abro na página 353: Santa Teresa. Numa nota de rodapé, o tradutor informa que certos fenômenos de ordem sobrenatural são considerados pelo autor de maneira puramente natural.

Cognominada A Santa do Êxtase, que ela descrevia como um voo para o alto, que se efetua no interior da alma com a velocidade de uma bala disparada de uma arma, Teresa de Cepeda y Ahumada, ou madre Teresa de Ávila (ou Teresa de Jesus), canonizada em 1622, quarenta anos após a sua desencarnação, foi uma religiosa e “mística” espanhola, reformadora da Ordem das Carmelitas e doutora da Igreja, nascida em Ávila, em 1515 e desencarnada em Alba de Tormes, em 1582.

O autor do livro informa que “na vida extraordinária desta santa os acontecimentos naturais cruzam-se sobre esferas sobrenaturais, as ordens terrenas e celestes se misturam, visões emergem da percepção, o som de vozes humanas foi absorvido pelos chamados celestiais e a frágil forma humana serviu, em momentos de êxtase, de nave da abundância divina”.

Ou seja, uma grande médium. Explica Allan Kardec, no capítulo XIV de O Livro dos Médiuns, que toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium, e que essa faculdade é inerente ao homem. Pode-se dizer que todos são mais ou menos médiuns, embora, usualmente, essa qualificação se aplique somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada.

Interessante que mesmo considerando os fenômenos como de ordem puramente natural, o autor confirma, nas entrelinhas, a mediunidade de madre Teresa:

“Madre Teresa escreveu o que tinha aprendido na quieta solidão de sua cela, fora da confusão do tempo e do espaço, para além do dogma e da demonstração racional, para além de sua própria compreensão e da percepção dos seus sentidos. Descreveu as visitas de seu invisível Senhor e anotou a Sua vontade, que Ele lhe comunicava em palavras inaudíveis”.

Entendemos que René Fülöp-Miller se refere a uma comunicação direta com Deus, mas sabemos que esta comunicação acontecia entre madre Teresa e os Bons Espíritos, naturalmente, sob a proteção de Deus.

Grande Espírito! “Por meio de Teresa, a Igreja aprendeu uma vez mais que o Cristo era uma realidade viva, esse Cristo que os discípulos viram na estrada de Emaús, que Saulo de Tarso encontrara no caminho de Damasco...”, enfatiza o autor.

Sofreu. Mas soube suportar todas as dores. Como disse Van Gogh, em carta a seu irmão, “quanto mais caio aos pedaços, quanto mais inválido e fraco me sinto, tanto mais artista me torno; pois graças à doença concebo ideias em profusão para trabalhar”. Foi a doença que deu a Dostoiévski o poder de produzir as suas maiores obras.

Informações correlatas:

Segundo informações da contracapa do livro Perdão-te: Memórias de um Espírito, da médium e grande vulto do Espiritismo na Espanha, Amália Domingo Soler – L.G.E. Editora (8. edição – 2003), o Espírito que ditou os escritos oralmente a Eudaldo Pagés, que os transmitiu a Amália, a qual os passou para o papel, embora se identifique como Íris, teria sido Madalena. As comunicações aconteceram em Gracia, na Espanha, de 18 de fevereiro de 1897 a 23 de novembro de 1899. Eduardo ditava, Amália transcrevia.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

Os relatos do Espírito antecederam à existência de Madalena, quando fez parte de uma civilização que teria existido na Atlântida. Um dos últimos capítulos fala sobre a reencarnação do Espírito como uma revolucionária religiosa – que teria sido a madre Teresa de Ávila.

Observa o texto:

“Nominá-la em um livro espírita causaria demasiado impacto há cem anos, atrás?

E quanto a elucidar que as visões e transes de madre Teresa eram simplesmente manifestações mediúnicas?”

VII – DUPLA VISTA

447. O fenômeno a que se dá a designação de dupla vista tem alguma relação com o sonho e o sonambulismo?

“Tudo isso é uma só coisa. O que se chama dupla vista é ainda resultado da libertação do Espírito, sem que o corpo seja adormecido. A dupla vista ou segunda vista é a vista da alma.”

448. É permanente a segunda vista?

“A faculdade é, o exercício não. Em os mundos menos materiais do que o vosso, os Espíritos se desprendem mais facilmente e se põem em comunicação apenas pelo pensamento, sem que, todavia, fique abolida a linguagem articulada.

Por isso mesmo, em tais mundos, a dupla vista é faculdade permanente, para a maioria de seus habitantes, cujo estado normal se pode comparar ao dos vossos sonâmbulos lúcidos. Essa também a razão por que esses Espíritos se vos manifestam com maior facilidade do que os encarnados em corpos mais grosseiros.”

449. A segunda vista aparece espontaneamente ou por efeito da vontade de quem a possui como faculdade?

“As mais das vezes é espontânea, porém a vontade também desempenha com grande freqüência importante papel no seu aparecimento. Toma, para exemplo, de umas dessas pessoas a quem se dá o nome de ledoras da buena-dicha, algumas das quais dispõem desta faculdade, e verás que é com o auxílio da própria vontade que se colocam no estado de terem a dupla vista e o que chamas visão.”

450. A dupla vista é suscetível de desenvolver-se pelo exercício?

“Sim, do trabalho sempre resulta o progresso e a dissipação do véu que encobre as coisas.”

a) — Esta faculdade tem qualquer ligação com a organização física?

“Incontestavelmente, o organismo influi para a sua existência.

Há organismos que lhe são refratários.”

451. Por que é que a segunda vista parece hereditária em algumas famílias?

“Por semelhança da organização, que se transmite como as outras qualidades físicas. Depois, a faculdade se desenvolve por uma espécie de educação, que também se transmite de um a outro.”

452. É exato que certas circunstâncias desenvolvem a segunda vista?

“A moléstia, a proximidade do perigo, uma grande comoção podem desenvolvê-la. O corpo, às vezes, vem a

achar-se num estado especial que faculta ao Espírito ver o que não podeis ver com os olhos carnis.”

Nas épocas de crises e de calamidades, as grandes emoções, todas as causas, enfim, de superexcitação do moral provocam não raro o desenvolvimento da dupla vista. Parece que a Providência, quando um perigo nos ameaça, nos dá o meio de conjurá-lo.

Todas as seitas e partidos perseguidos oferecem múltiplos exemplos desse fato.

453. As pessoas dotadas de dupla vista sempre têm consciência de que a possuem?

“Nem sempre. Consideram isso coisa perfeitamente natural e muitos creem que, se cada um observasse o que se passa consigo, todos verificariam que são como eles.”

454. Poder-se-ia atribuir a uma espécie de segunda vista a perspicácia de algumas pessoas que, sem nada apresentarem de extraordinário, apreciam as coisas com mais precisão do que outras?

“É sempre a alma a irradiar mais livremente e a apreciar melhor do que sob o véu da matéria.”

a) — Pode esta faculdade, em alguns casos, dar a presciência das coisas?

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

“Pode. Também dá os pressentimentos, pois que muitos são os graus em que ela existe, sendo possível que num mesmo indivíduo exista em todos os graus, ou em alguns somente.”

82. A chamada segunda vista tem relação com o sonambulismo?

O estado sonambúlico não é uma condição indispensável para que ocorra o fenômeno designado pelo nome de segunda vista. A segunda vista quase nunca é permanente; em geral, esse fenômeno se produz espontaneamente, em certos momentos, sem ser um efeito da vontade, e provoca uma espécie de crise que modifica, algumas vezes, sensivelmente o estado físico: o olho tem alguma coisa de vago; parece olhar sem ver; toda a fisionomia reflete uma espécie de exaltação. É de notar que as pessoas que dela gozam não suspeitam disso; essa faculdade lhes parece natural como aquela de ver pelos olhos; para elas, é um atributo de seu ser. Há graus infinitos no poder da segunda vista, desde a sensação confusa, até a percepção tão clara e tão limpa como no sonambulismo.

Falta-nos uma palavra para designar esse estado especial e, sobretudo, os indivíduos que dele são suscetíveis. Tem-se utilizado no caso a palavra vidente, e embora não dê exatamente o pensamento, adotá-la-emos até nova ordem, por falta de melhor. É esse dom da segunda vista que, no estado rudimentar, dá a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança em seus atos, e que se pode chamar a justeza do golpe de vista moral. Mais desenvolvida, desperta os pressentimentos, mais desenvolvida ainda, mostra os acontecimentos realizados, ou no ponto de se realizarem; enfim, chega ao seu apogeu, é o êxtase desperto.

Embora seja quase sempre natural e espontâneo, o fenômeno da segunda vista parece produzir-se, mais frequentemente, sob o império de certas circunstâncias. Os tempos de crise, de calamidade, de grandes emoções, todas as causas, enfim, que superexcitam o moral provocam-lhe o desenvolvimento. Parece que a Providência, em face dos perigos mais iminentes, multiplica, ao nosso redor, a faculdade de preveni-los. (Obras Póstumas, Clarividência sonambúlica e segunda vista.)

83. Podemos dizer que alguns cartomantes têm, em verdade, a faculdade da segunda vista?

Frequentemente fala-se de cartomantes que dizem coisas surpreendentes de verdade. Estamos longe de nos fazer apologistas dos ledores de sorte, que exploram a credulidade de espíritos fracos, e cuja linguagem ambígua se presta a todas as combinações de uma imaginação ferida; mas não há nada de impossível em que certas pessoas, fazendo esse ofício, tenham o dom da segunda vista, mesmo com seu desconhecimento. As cartas seriam, em suas mãos, somente um meio, um pretexto, uma base de conversação; elas falam segundo o que veem, e não segundo o que indicam as cartas que apenas olham. Ocorre o mesmo com outros meios de adivinhação, tais como as linhas das mãos, o resíduo de café, as claras de ovo e outros símbolos místicos. Os sinais da mão, talvez, tenham mais valor do que todos os outros meios, de nenhum modo por si mesmos, mas porque o suposto adivinho, tomando e apalpando a mão do consulente, se está dotado da segunda vista, encontra-se em relação mais direta com este último, como ocorre nas consultas sonambúlicas.

(Obras Póstumas, Clarividência sonambúlica e segunda vista.)

84. Pode um cego ser dotado da faculdade da segunda vista?

Sim. Os médiuns videntes, que podemos incluir na categoria das pessoas que gozam da dupla vista, creem ver pelos olhos, mas, em realidade, é a alma que vê, e é essa a razão pela qual veem tão bem de olhos fechados quanto de olhos abertos. Segue-se, necessariamente, que um cego poderia ser médium vidente tão bem quanto aquele cuja visão está intacta.

(Obras Póstumas, Clarividência sonambúlica e segunda vista.)

85. Como entender o dom da presciência atribuído aos videntes?

De todos os tempos, os homens quiseram conhecer o futuro, mas a Natureza foi muito sábia no-lo escondendo. Se soubéssemos, antecipadamente, o fim de cada coisa, ninguém duvide que a harmonia geral com isso sofreria. Um futuro feliz assegurado tiraria do homem toda atividade, uma vez que não teria necessidade de nenhum esforço para chegar ao objetivo que se propôs. A certeza da infelicidade teria as mesmas consequências pelo efeito do desencorajamento; todos renunciariam lutar contra o decreto definitivo do destino. O conhecimento absoluto do futuro seria, pois, um presente funesto que nos conduziria ao dogma da fatalidade, o mais perigoso de todos, o mais antipático ao desenvolvimento das ideias. É a incerteza do momento de nosso fim neste mundo que nos faz trabalhar até a última batida de nosso coração.

Nos fenômenos da dupla vista, estando a alma em parte desligada do envoltório material que limita nossas faculdades, não há mais, para ela, nem duração, nem distâncias; abarcando o tempo e o espaço, tudo se confunde no presente. Livre de seus entraves, ela julga os efeitos e as causas melhor do que podemos: vê as consequências das coisas presentes e pode nos fazer pressenti-las; é nesse sentido que se deve entender o dom da presciência atribuído aos videntes.

Suas previsões não são senão o resultado de uma consciência mais clara do que existe, e não uma predição de coisas fortuitas sem laço com o presente; é uma dedução lógica do conhecido para chegar ao desconhecido, que depende, muito frequentemente, de nossa maneira de fazer.

O vidente não é, pois, de nenhum modo, um adivinho; é um ser que percebe o que não vemos; é para nós como o cão do cego.

(Obras Póstumas, Clarividência sonambúlica e segunda vista.)

86. O fluido perispiritual pode ser visto pelo homem?

Em condições normais, não, porque ele é imponderável, como a luz, a eletricidade e o calor. É, pois, invisível, para nós, no estado normal, e não se revela senão pelos seus efeitos; mas torna-se visível no estado de sonambulismo lúcido, e mesmo no estado de vigília para as pessoas dotadas de dupla vista. No estado de emissão ele se apresenta sob a forma de faíscas luminosas, bastante semelhantes à luz elétrica difusa no vazio. No estado ordinário, apresenta cores diversas segundo os indivíduos de onde emana; ora de um vermelho fraco, ora azulado ou acinzentado, como uma bruma leve; o mais das vezes, espalha sobre os corpos vizinhos uma nuvem amarelada, mais ou menos pronunciada.

As narrações dos sonâmbulos e dos videntes são idênticas sobre essa questão; aliás, teremos ocasião de voltar ao assunto falando das qualidades impressas ao fluido para o motivo de pô-lo em movimento, e para o adiantamento do indivíduo que o emite. Nenhum corpo lhe constitui obstáculo; penetra-os e os atravessa a todos; até o presente, não se conhece nenhum que seja capaz de isolá-lo. Só a vontade pode estender-lhe ou restringir-lhe a ação; a vontade, com efeito, é o seu mais poderoso princípio; pela vontade, dirigem-se lhe os eflúvios através do espaço, ou os acumula, a seu contento, sobre um ponto dado, ou saturam-se certos objetos, ou bem são retirados dos lugares onde são superabundantes.

Digamos, de passagem, que é sobre esse princípio que está fundada a força magnética. Parece, enfim, ser o veículo da visão psíquica, como o fluido luminoso é o veículo da visão ordinária.

(Obras Póstumas, Fluido perispiritual e atmosfera fluidica.)

VIII – RESUMO TEÓRICO DO SONAMBULISMO, DO ÊXTASE, E DA DUPLA VISTA

455. Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e independem de qualquer causa exterior conhecida. Mas, em certas pessoas dotadas de especial organização, podem ser provocados artificialmente, pela ação do agente magnético.

O estado que se designa pelo nome de sonambulismo magnético apenas difere do sonambulismo natural em que um é provocado, enquanto o outro é espontâneo.

O sonambulismo natural constitui fato notório, que ninguém mais se lembra de pôr em dúvida, não obstante o aspecto maravilhoso dos fenômenos a que dá lugar. Por que seria então mais extraordinário ou irracional o sonambulismo magnético? Apenas por produzir-se artificialmente, como tantas outras coisas? Os charlatães o exploram, dizem. Razão demais para que não lhes seja deixado nas mãos. Quando a Ciência se houver apropriado dele, muito menos crédito terão os charlatães junto às massas populares.

Enquanto isso não se verifica, como o sonambulismo natural ou artificial é um fato, e como contra fatos não há raciocínio possível, vai ele ganhando terreno, apesar da má vontade de alguns, no seio da própria Ciência, onde penetra por uma imensidade de portinhas, em vez de entrar pela porta larga. Quando lá estiver totalmente, terão que lhe conceder direito de cidade.

Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico, é uma luz projetada sobre a psicologia.

É aí que se pode estudar a alma, porque é onde esta se mostra a descoberto. Ora, um dos fenômenos que a caracterizam é o da clarividência independente dos órgãos ordinários da vista. Fundam-se os que contestam este fato em que o sonâmbulo nem sempre vê, e à vontade do experimentador, como com os olhos. Será de admirar que difiramos efeitos, quando diferentes são os meios? Será racional que se pretenda obter os mesmos efeitos, quando há e quando não há o instrumento? A alma tem suas propriedades, como os olhos têm as suas. Cumpre julgá-las em si mesmas e não por analogia.

De uma causa única se originam a clarividência do sonâmbulo magnético e a do sonâmbulo natural. É um atributo da alma, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós e cujos limites não são outros senão os assinados à própria alma. O sonâmbulo vê em todos os lugares aonde sua alma possa transportar-se, qualquer que seja a longitude.

No caso de visão a distância, o sonâmbulo não vê as coisas de onde está o seu corpo, como por meio de um telescópio. Vê as presentes, como se se achasse no lugar onde elas existem, porque sua alma, em realidade, lá está.

Por isso é que seu corpo fica como que aniquilado e privado de sensação, até que a alma volte a habitá-lo novamente.

Essa separação parcial da alma e do corpo constitui um estado anormal, suscetível de duração mais ou menos longa, porém não indefinida. Daí a fadiga que o corpo experimenta após certo tempo, mormente quando aquela se entrega a um trabalho ativo.

A vista da alma ou do Espírito não é circunscrita e não tem sede determinada. Eis por que os sonâmbulos não lhe podem marcar órgão especial. Veem porque veem, sem saberem o motivo nem o modo, uma vez que, para eles, na condição de Espíritos, a vista carece de foco próprio. Se se reportam ao corpo, esse foco lhes parece estar nos centros onde maior é a atividade vital, principalmente no cérebro, na região do epigastro, ou no órgão que considerem o ponto de ligação mais forte entre o Espírito e o corpo.

O poder da lucidez sonambúlica não é ilimitado. O Espírito, mesmo quando completamente livre, tem restringidos seus conhecimentos e faculdades, conforme ao grau de perfeição que haja alcançado. Ainda mais restringidos, os tem quando ligado à matéria, a cuja influência está sujeito.

É o que motiva não ser universal, nem infalível, a clarividência sonambúlica. E tanto menos se pode contar com a sua infalibilidade, quanto mais desviada seja do fim visado pela natureza e transformada em objeto de curiosidade e de experimentação.

No estado de desprendimento em que fica colocado, o Espírito do sonâmbulo entra em comunicação mais fácil com os outros Espíritos encarnados, ou não encarnados, comunicação que se estabelece pelo contacto dos fluidos, que compõem os perispíritos e servem de

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

transmissão ao pensamento, como o fio elétrico. O sonâmbulo não precisa, portanto, que se lhe exprimam os pensamentos por meio da palavra articulada. Ele os sente e adivinha. É o que o torna eminentemente impressionável e sujeito às influências da atmosfera moral que o envolva. Essa também a razão por que uma assistência muito numerosa e a presença de curiosos mais ou menos malevolentes lhe prejudicam de modo essencial o desenvolvimento das faculdades que, por assim dizer, se contraem, só se desdobrando com toda a liberdade num meio íntimo ou simpático. A presença de pessoas mal-intencionadas ou antipáticas lhe produz efeito idêntico ao do contacto da mão na sensitiva.

O sonâmbulo vê ao mesmo tempo o seu próprio Espírito e o seu corpo, os quais constituem, por assim dizer, dois seres que lhe representam a dupla existência corpórea e espiritual, existências que, entretanto, se confundem, mediante os laços que as unem. Nem sempre o sonâmbulo se apercebe de tal situação e essa dualidade faz que muitas vezes fale de si, como se falasse de outra pessoa. É que ora é o ser corpóreo que fala ao ser espiritual, ora é este que fala àquele.

Em cada uma de suas existências corporais, o Espírito adquire um acréscimo de conhecimentos e de experiência.

Esquece-os parcialmente, quando encarnado em matéria por demais grosseira, porém deles se recorda como Espírito.

Assim é que certos sonâmbulos revelam conhecimentos acima do grau da instrução que possuem e mesmo superiores às suas aparentes capacidades intelectuais. Portanto, da inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo, quando desperto, nada se pode inferir com relação aos conhecimentos que porventura revele no estado de lucidez. Conforme as circunstâncias e o fim que se tenha em vista, ele os pode haurir da sua própria experiência, da sua clarividência relativa às coisas presentes, ou dos conselhos que receba de outros Espíritos. Mas, podendo o seu próprio Espírito ser mais ou menos adiantado, possível lhe é dizer coisas mais ou menos certas. Pelos fenômenos do sonambulismo, quer natural, quer magnético, a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da alma e nos faz assistir ao sublime espetáculo da sua emancipação. Abre-nos, dessa maneira, o livro do nosso destino. Quando o sonâmbulo descreve o que se passa a distância, é evidente que vê, mas não com os olhos do corpo. Vê-se a si mesmo e se sente transportado ao lugar onde vê o que descreve. Lá se acha, pois, alguma coisa dele e, não podendo essa alguma coisa ser o seu corpo, necessariamente é sua alma, ou Espírito.

Enquanto o homem se perde nas sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível, em busca das causas da nossa existência moral, Deus cotidianamente nos põe sob os olhos e ao alcance da mão os mais simples e patentes meios de estudarmos a psicologia experimental.

O êxtase é o estado em que a independência da alma, com relação ao corpo, se manifesta de modo mais sensível e se torna, de certa forma, palpável.

No sonho e no sonambulismo, o Espírito anda em giro pelos mundos terrestres. No êxtase, penetra em um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem que, todavia, lhe seja lícito ultrapassar certos limites, porque, se os transpusesse, totalmente se partiriam os laços que o prendem ao corpo. Cerca-o então resplendente e desusado fulgor, inebriam-no harmonias que na Terra se desconhecem, indefinível bem-estar o invade: goza antecipadamente da beatitude celeste e bem se pode dizer que pousa um pé no limiar da eternidade.

No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo. Fica-lhe somente, pode-se dizer, a vida orgânica.

Sente-se que a alma se lhe acha presa unicamente por um fio, que mais um pequenino esforço quebraria sem remissão.

Nesse estado, desaparecem todos os pensamentos terrestres, cedendo lugar ao sentimento apurado, que constitui a essência mesma do nosso ser imaterial. Inteiramente entregue a tão sublime contemplação, o extático encara a vida apenas como paragem momentânea. Considera os bens e os males, as alegrias grosseiras e as misérias deste mundo, quais incidentes fúteis de uma viagem, cujo termo tem a dita de avistar.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

Dá-se com os extáticos o que se dá com os sonâmbulos: mais ou menos perfeita podem ter a lucidez e o Espírito mais ou menos apto a conhecer e compreender as coisas, conforme seja mais ou menos elevado. Muitas vezes, porém, há neles mais excitação do que verdadeira lucidez, ou, melhor, muitas vezes a exaltação lhes prejudica a lucidez.

Daí o serem, frequentemente, suas revelações um misto de verdades e erros, de coisas grandiosas e coisas absurdas, até ridículas. Dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza, quando o indivíduo não sabe reprimi-la, Espíritos inferiores costumam aproveitar-se para dominar o extático, tomando, como tal intuito, aos seus olhos, aparências que mais o aferram às idéias que nutre no estado de vigília. Há nisso um escolho, mas nem todos são assim. Cabe-nos tudo julgar friamente e pesar-lhes as revelações na balança da razão.

A emancipação da alma se verifica às vezes no estado de vigília e produz o fenômeno conhecido pelo nome de segunda vista ou dupla vista, que é a faculdade, graças à qual quem a possui vê, ouve e sente além dos limites dos sentidos humanos. Percebe o que exista até onde estende a alma a sua ação. Vê, por assim dizer, através da vista ordinária e como por uma espécie de miragem.

No momento em que o fenômeno da segunda vista se produz, o estado físico do indivíduo se acha sensivelmente modificado. O olhar apresenta alguma coisa de vago. Ele olha sem ver. Toda a sua fisionomia reflete uma como exaltação. Nota-se que os órgãos visuais se conservam alheios ao fenômeno, pelo fato de a visão persistir, malgrado à oclusão dos olhos.

Aos dotados desta faculdade ela se afigura tão natural, como a que todos temos de ver. Consideram-na um atributo de seus próprios seres, que em nada lhes parecem excepcionais. De ordinário, o esquecimento se segue a essa lucidez passageira, cuja lembrança, tornando-se cada vez mais vaga, acaba por desaparecer, como a de um sonho.

O poder da vista dupla varia, indo desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. Quando rudimentar, confere a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma certa segurança nos atos, a que se pode dar o qualificativo de precisão de golpe de vista moral.

Um pouco desenvolvida, desperta os pressentimentos.

Mais desenvolvida mostra os acontecimentos que deram ou estão para dar-se.

O sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a dupla vista são efeitos vários, ou de modalidades diversas, de uma mesma causa. Esses fenômenos, como os sonhos, estão na ordem da natureza. Tal a razão por que hão existido em todos os tempos. A História mostra que foram sempre conhecidos e até explorados desde a mais remota antiguidade e neles se nos depara a explicação de uma imensidade de fatos que os preconceitos fizeram fossem tidos por sobrenaturais.

Sonambulismo, êxtase e dupla vista

No sonambulismo, é a alma do sonâmbulo que se movimenta e age

1. O sonambulismo, o êxtase e a dupla vista, a exemplo do sono, da catalepsia e da letargia, enquadram-se no capítulo que trata da emancipação da alma, como podemos ver na principal obra de Kardec, “O Livro dos Espíritos”.

2. No sonambulismo, o que o caracteriza é o fato de o indivíduo, embora dormindo, poder movimentar-se e agir, utilizando o seu próprio corpo material, como se estivesse acordado. Ele se levanta, caminha e pratica atos próprios de sua vida com absoluta segurança e perfeição. Outra característica do fenômeno é o fato de perder o sonâmbulo, ao acordar, a lembrança do que fez dormindo.

3. No sonambulismo, analogamente ao que ocorre durante o sono, o Espírito do sonâmbulo se desprende e, uma vez emancipado, passa a ver com os olhos espirituais, com a particularidade de que, embora desprendido do corpo físico, continua exercendo uma força sobre ele. E o faz com grande segurança, como provam os fatos, a ponto de subir em telhados e caminhar à beira de precipícios, sem se acidentar. A respeito disso, Gabriel Delanne relata em seu livro “O Espiritismo perante a Ciência” alguns fatos muito interessantes, como o caso de um farmacêutico de Pavia que durante o sono levantava-se da cama e ia ao laboratório de sua farmácia, onde continuava a preparar as receitas ainda não atendidas.

4. Se o indivíduo continua a agir dormindo e tendo os olhos fechados, que se pode deduzir, senão que é sua alma quem age? E, de fato, assim o é porque, ao emancipar-se, o Espírito pode utilizar com maior facilidade as percepções que lhe são próprias, tal como nos ensina o Espiritismo quando diz que o sonambulismo natural é um estado de independência do Espírito mais completo do que o sonho, que não passaria, segundo os instrutores espirituais, de um estado de sonambulismo imperfeito.

O êxtase é uma forma de sonambulismo mais apurado

5. O sonambulismo pode ser induzido artificialmente pelos magnetizadores e o pioneiro dessa prática foi o médico austríaco Franz Anton Mesmer, que buscava nessa experiência uma forma de terapia alternativa. Em casos tais, pode o sonâmbulo entrar em contato com outros Espíritos que lhe transmitem o que devem dizer e suprem, desse modo, a sua incapacidade. O fato se verifica principalmente nas prescrições médicas e há muitos relatos na literatura espírita dando conta de que, às vezes, o Espírito do sonâmbulo “vê” o mal e outro Espírito lhe indica o remédio, caracterizando uma forma de ação mediúcnica na qual o sonâmbulo é o instrumento de outras inteligências desencarnadas.

6. Outra modalidade de emancipação da alma é o êxtase, que é, segundo o Espiritismo, um sonambulismo mais apurado, porquanto a alma do extático é ainda mais independente.

7. Se no sonho e no sonambulismo o Espírito anda em giro pelos mundos que nos rodeiam, no êxtase pode penetrar em um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem que lhe seja, porém, lícito ultrapassar certos limites. Aliás, se o Espírito em êxtase os transpusesse, partir-se-iam os laços que o prendem ao corpo material.

8. Pondo-se em contato com lugares e entidades tão elevados, é fácil entender que um resplendente e incomum fulgor chega a cercar o extático, produzindo-lhe um indefinível bem-estar,

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo VIII)

que lhe permite gozar antecipadamente a beatitude celeste que somente em estados semelhantes pode vislumbrar.

A dupla vista ou segunda vista é a vista da alma

9. A dupla vista, igualmente chamada de segunda vista, é o nome que se dá ao fenômeno pelo qual, certas pessoas, em perfeito estado de vigília, conseguem perceber cenas e fatos passados a distância ou exclusivamente na esfera espiritual.

10. Kardec perguntou aos instrutores espirituais se existe alguma relação entre o sonho, o sonambulismo e o fenômeno da dupla vista. Responderam os imortais que tudo isso é uma só coisa. O que se chama dupla vista é o resultado da libertação do Espírito sem que o corpo esteja adormecido. A dupla vista ou segunda vista, afirmam eles, “é a vista da alma”.

11. Exemplos desses fatos existem inúmeros na literatura espírita, especialmente nos clássicos. Um deles é o que se passou com o vidente sueco Swedenborg, que podia ver e descrever com precisão Espíritos e cenas do mundo espiritual.

12. A história registra também muitos casos dessa ordem, como o ocorrido com Apolônio de Tiana, que, estando a ensinar a seus discípulos em praça pública, interrompeu-se de repente, na atitude ansiosa de quem espera alguma grave ocorrência, e em seguida anunciou o assassinio de Domiciano, morto sob o punhal de um liberto.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 425 a 431, 439, 447 e 455.)

Kardec Allan, O Livro dos Médiuns, (item 172.)

Michaelus, Magnetismo Espiritual, (pp. 8 a 10.)

Gabriel Delanne, O Espiritismo perante a Ciência, (pp. 88 a 94.)

Paula João Teixeira de, Dicionário Enciclopédico Ilustrado, (, pp. 42 e 43.)